

15º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2024

PANDEMIA E ESPAÇOS LIVRES DE LAZER: O CASO DO CREMATÓRIO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

LIVIA CORREIA MANTECA¹, ALINE SILVA SANTOS²

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Bolsista Voluntário, IFSP, Campus São Paulo, livia.manteca@aluno.ifsp.edu.br.

² Prof. Dr. Aline Silva Santos, Departamento de Construção Civil, IFSP, Campus São Paulo, aline.santos@ifsp.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 6.04.04.00-0 Paisagismo

RESUMO: O presente trabalho tem o intuito de reconhecer as motivações populares que levaram o Crematório Municipal de São Paulo, localizado na Zona Leste da cidade, a ser utilizado como um espaço de lazer e convivência dos moradores da região e de seu entorno. Neste contexto, busca-se também traçar um paralelo destes usos com os desdobramentos da pandemia da covid-19 e os comportamentos da comunidade perante os desafios que esta crise na saúde pública acarretou para o bem estar físico e mental. Por fim, tem-se como objetivo apresentar as características que tornam este espaço livre um foco de lazer até a atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Espaços livres; Paisagismo; Espaços cemiteriais; lazer; Áreas verdes; covid-19

THE PANDEMIC AND LEISURE SPACES: SÃO PAULO MUNICIPAL CREMATORY'S CASE STUDY

ABSTRACT: This paper aims to examine the underlying motivations that led to the São Paulo Municipal Crematorium, located in the East Zone of the city, becoming a prominent leisure and social space for residents of the region and its surrounding areas. In this context, the study also seeks to establish a parallel between these uses and the impact of the covid-19 pandemic, particularly the community's behavioral responses to the challenges posed by this public health crisis on physical and mental well-being. Finally, the paper aims to identify and present the characteristics that continue to make this open space a focal point for leisure activities today.

KEYWORDS: Open spaces; Landscape architecture; Cemeterial spaces; Leisure; Green areas; covid-19

INTRODUÇÃO

Entre os anos de 2020 e 2021, o Brasil, assim como o restante do globo, experienciou a pandemia causada pelos vírus SARS-CoV-2 e as complicações que esta implicou na saúde física, mental e no bem-estar social¹. Ademais, visto que se tratava de uma doença a qual se propaga por meio de gotículas proliferadas no ar, foi decretado um período de isolamento social a fim de desacelerar as taxas de contaminação, com diretrizes variadas por todo o mundo. Nesse viés, cada país realizou decretos a fim de lidar com essa situação de calamidade pública, considerando o número de infectados e de óbitos em seu território. Nessa conjuntura, o Brasil foi fortemente afetado, chegando,

¹ Entende-se que a pandemia da covid-19 se estendeu por período maior. Seu início foi declarado em março de 2020, sendo que apenas em 2023 foi declarado o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional relativa à covid-19. Entretanto, destaca-se o intervalo entre 2020 a 2021 como o ápice da doença no Brasil e consequentes mortes.

em alguns momentos, a ser o país com mais mortes registradas (Sampaio, 2021). Dentro de tal contexto, destaca-se São Paulo, cidade mais populosa do país, que por vezes foi epicentro da pandemia e, em razão disso, estabeleceu uma série de decretos que restringiam a circulação da população, até mesmo proibindo-a em determinados espaços. Logo, intensificou-se na sociedade a recorrência de problemas vinculados a estresse, ansiedade e depressão e, juntamente, a busca pela proximidade das áreas verdes e de lazer em razão do período de distanciamento social (Tendais e Ribeiro, 2020).

Todavia, apesar dessa crescente demanda da população por espaços livres, a maioria destes locais estava com acesso restrito em decorrência dos decretos de isolamento (Prefeitura, 2020). Assim, é nesse contexto que o Crematório Municipal de São Paulo ganha visibilidade como um equipamento urbano que vai além dos usos fúnebres, capaz de incorporar em seus espaços livres funções diversas. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo apresentar reflexões no tocante a como se expressa a apropriação atual deste local e suas relações com seus usos para o lazer durante o período da pandemia.

MATERIAL E MÉTODOS

O local de estudo, Crematório Municipal “Dr. Jayme Augusto Lopes”, também conhecido como Crematório de Vila Alpina², é o único equipamento do tipo na cidade de São Paulo e se localiza na Zona Leste, região da Vila Prudente, Jardim Avelino. Inaugurado em 1974, sendo o primeiro crematório do país, organiza-se por um edifício projetado pela arquiteta Ivone Macedo Arantes, onde ocorrem as cerimônias fúnebres, e os espaços livres que o cercam (Figura 1).

Os espaços livres, apesar de não possuírem um projeto paisagístico consistente, se conformam por áreas ajardinadas que possuem usos à moda de um parque urbano. Assim, consiste em um local que não se restringe ao uso unicamente fúnebre, apresentando múltiplas apropriações. Em vistas de analisar a complexidade deste espaço, sobretudo no sentido do lazer, foi delineado projeto de pesquisa de iniciação científica³ no ano de 2024, do qual parte das análises são apresentadas no presente trabalho. No caso, aqui, apresenta-se o recorte relativo aos impactos da pandemia da covid-19 na apropriação dos espaços livres do crematório e seus desdobramentos na atualidade, em 2024.



² Esse nome popular relaciona-se à proximidade com o bairro de Vila Alpina.

³ Pesquisa “Quando o espaço cemiterial vira parque: usos do lazer no Crematório Municipal”, a qual se encontra em andamento e possui previsão de término em novembro de 2024.

FIGURA 1. Implantação do Crematório Municipal de São Paulo. Fonte: Santos, 2024.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, ancora-se no método qualitativo de pesquisa (Martins, Bicudo, 2005), em que se utilizou a etnografia, uma ferramenta que busca aproximar o pesquisador do objeto de estudo a partir da observação participante, atentando-se às relações sociais cotidianas existentes em determinado local. Acrescenta-se que faz parte do trabalho etnográfico a constituição de cadernos de campo e posterior redação de relatos e relatórios de campo a fim de compor a pesquisa (Magnani *et al*, 2023). Em suma, esta auxilia no entendimento das dinâmicas e comportamentos do local de estudo, assim como prevê idas frequentes a campo e contato com os atores locais.

Nesse contexto, aponta-se que as idas a campo devem apresentar certa regularidade, a fim de atingir maior profundidade acerca das questões que serão exploradas na pesquisa e os debates que a tangenciam. Logo, de modo geral, a etnografia permite descobertas mais complexas e a longo prazo, de modo que o pesquisador pode debater perante uma totalidade mais ampla e não se reduzir às primeiras impressões do objeto de estudo e seus usuários (Magnani *et al*, 2023).

Ademais, realizaram-se ainda entrevistas em profundidade semiestruturadas, as quais visam o estabelecimento de uma conversa baseada em um roteiro, apoiado em uma questão central, e não apenas na aplicação de questionários direcionados aos usuários (Santos, 2024). Nesse sentido, esse procedimento buscou compreender os comportamentos dos visitantes que utilizam o objeto de estudo como um local de lazer e como eles se relacionam e enxergam este.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Definidos como espaços públicos que apresentam cobertura vegetal, atividades de recreação e possuem uma extensão considerável (Kliass, 1993), os parques urbanos se consolidaram como agentes do bem estar social e têm uma função fundamental na manutenção da saúde física e mental de seus usuários. Assim, analisando o contexto de isolamento social e da pandemia da covid-19 em São Paulo, debate-se a relevância desses espaços no cotidiano da sociedade paulistana em meio ao epicentro da doença, de modo que a maioria das pessoas buscava um local para aliviar o stress e ansiedade decorrentes desta época de crise na saúde pública ou mesmo somente escapar ao confinamento doméstico de forma segura. Nesse sentido, aponta-se que, no período pandêmico, em diversas regiões do mundo, o uso de parques apresentou considerável aumento (Tendais e Ribeiro, 2020), o que mostra os benefícios que o contato com a natureza e os espaços livres podem prover para a comunidade.

Contudo, este mesmo isolamento social que impulsionou a população a buscar fruções naturais de espaços verdes no meio urbano, foi responsável pelo fechamento de muitos destes a fim de evitar a propagação do vírus que assustava o mundo inteiro. Na cidade de São Paulo, por exemplo, houve o fechamento dos parques municipais em 2020 (Prefeitura, 2020). As praças, que em sua maioria não foram fechadas, puderam suprir em partes essa necessidade mas, no entanto, nem sempre eram capazes de suprir as demandas da população em uma escala mais ampla.

Nesse contexto, um extenso espaço livre verdejado começa a se destacar no bairro da Vila Prudente, por estar de portas abertas e permitir adequado espaçamento entre os usuários: o gramado do Crematório Municipal de São Paulo. Este, consiste em um remanescente dos espaços livres originalmente lindeiros ao edifício do referido crematório que, pelo uso histórico da população para o lazer, teve parte destinada a ser um parque público no final na década de 1990, consistindo no atual Parque Ecológico Professora Lydia Natalizio Diogo (Zadra, 2010). O que chama a atenção é que, mesmo com a criação de tal parque, parte dos espaços livres que ainda restaram ao Crematório continuou a ser apropriado pelas pessoas ao longo dos anos para diversos usos como empinar pipa, passear com animais de estimação, praticar esportes ou mesmo se reunir com amigos e conhecidos, funcionando como uma espécie de área complementar de lazer (Santos, 2024).

Com a pandemia da covid-19, aquele espaço que já era costumeiramente utilizado, passa a ter uma apropriação intensificada e, ao longo desta, cria uma espécie de sentido de pertencimento e cuidado àquele local por parte dos frequentadores, que em sua maior parte residem na região. Nesse sentido, pode-se referir ao que o antropólogo José Guilherme Magnani (2002) define como pedaço, o qual consiste em um contexto onde as pessoas, mesmo sem necessariamente se conhecer, se

reconhecem como “portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes” (Magnani, 2002, p. 22).

Por ser um dos poucos espaços frequentados por aquelas pessoas durante a pandemia em decorrência do isolamento social, criou-se um senso de comunidade entre aqueles que regularmente estavam ali para atender a necessidade de lazer. Dessa forma, os frequentadores passaram a se conhecer e se sentir mais confortáveis, familiarizados e acostumados a dividir aquele espaço entre si. Assim, tal local começa a ser o “pedaço” daqueles moradores da região, mantendo-se como tal até após a pandemia. Nesse sentido, sobretudo durante os finais de semana, é possível ver visitantes trazendo cadeiras de praia e cestas de piquenique (Figura 2) à moda de um parque. Também são observadas crianças brincando e jogando bola, por exemplo.



FIGURA 2. Pessoas descansando no gramado do Crematório sob a sombra das árvores. Fonte: Lívia Manteca, 2024.

A partir de conversas com os visitantes atuais, obteve-se o relato de que o local era ocupado tranquilamente durante o período pandêmico, possibilitando o distanciamento entre seus visitantes, os quais, em sua maioria, não se incomodavam por estarem em um espaço que, a rigor, relacionava-se com a morte. Isso ocorria pois, segundo os frequentadores, a arborização existente cria uma barreira visual em relação ao edifício do crematório, o qual se nota ter um projeto que dialoga com o terreno existente. Além disso, os usos são informalmente setorizados pelos frequentadores: a região do edifício e o bosque do seu entorno imediato é mais utilizada pelos enlutados, ao passo que a área gramada com seus conjuntos de árvores é utilizada pelos visitantes em busca de lazer; entre essas duas regiões, há o estacionamento que atua como um divisor, utilizado por todos. Dessa forma, esta conformação espacial, juntamente com as qualidades paisagísticas fazem com que coexista essa multiplicidade de apropriações.

Além disso, o referido gramado volta-se para a avenida de acesso ao Crematório, cuja delimitação se dá por gradis metálicos, promovendo uma permeabilidade visual com a via pública. Essa condição possibilita a atração de novos frequentadores, pois chama a atenção dos transeuntes que passam pelo local para as atividades que ocorrem ali.

Outro dado relevante apontado pelos usuários de lazer abordados na pesquisa é o que diz respeito à maior possibilidade de diversidade de usos que o local proporciona em relação aos demais espaços de lazer da região – incluso o parque vizinho. Além disso, destaca-se o fato de o terreno ter relativamente plano e permitir, conseqüentemente, que os passeantes possam se instalar no local para praticar suas atividades de maneira mais cômoda.

Ressalta-se ainda que os usuários apontaram a baixa vigilância do local pela administração e, apesar de questionarem a segurança em razão disso, afirmam que tal situação possibilita que seus animais de estimação – na grande maioria cães – possam circular soltos e sem guia. Assim, é comum observar cães correndo pelo gramado, mesmo com placas de aviso explicitando que esta prática é proibida ali. Em oposição, no parque vizinho, em que também é exigido o uso de guia, tem-se um maior controle, com intervenções quando esta regra é infringida. Assim, os entrevistados relataram preferir utilizá-lo apenas para rápidas caminhadas com seus animais. Ou seja, a carência de um espaço destinado aos animais de estimação no entorno do bairro da Vila Prudente, juntamente com a fiscalização fragilizada da área de gramado do Crematório, faz com que muitos tutores optem por levá-los ali a fim de os deixarem soltos.

Diante do exposto, de modo geral, pode-se afirmar que a pandemia da covid-19 não foi a causadora do uso voltado para o lazer dentro do Crematório Municipal de São Paulo, mas consistiu em um elemento intensificador que consolidou apropriações e apresentou possibilidade para novos usuários, os quais permanecem até a atualidade.

CONCLUSÕES

Em suma, entende-se que os espaços livres do Crematório Municipal de São Paulo sempre foram vistos pelos moradores da região como local para fruição e lazer, havendo registro dessas atitudes antes mesmo da construção do Parque Ecológico Professora Lydia Natalizio Diogo, adjacente a esse espaço cemiterial. Nesse viés, a pandemia da covid-19 não pode ser considerada a causadora deste sentido, mas, a partir dos relatos coletados pela presente pesquisa, considera-se que foi um evento que amplificou e consolidou seu uso como parque, sobretudo para os moradores da região. Seus frequentadores, então, a partir de uma situação de isolamento e afastamento social criaram uma situação que, ao longo dos anos, fortaleceu laços comunitários.

Ademais, destaca-se que um fator relevante para que essa utilização ocorra é a organização paisagística do local e liberdade para apropriações diversas. Sua conformação, com o gramado amplo e aberto permeado por árvores, ajuda a compor uma paisagem aprazível e convidativa. Isso mostra como é possível que um espaço cemiterial apresente outras apreensões para além das fúnebres, possibilitando a coexistência de múltiplas práticas, mesmo que díspares.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Livia C. Manteca contribuiu com o trabalho de campo, análise dos dados coletados e redação do trabalho. Aline S. Santos contribuiu com a orientação do trabalho e auxílio na redação. Todos os autores contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) pela bolsa de Iniciação Científica (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de São Paulo - PIBIFSP) concedida à estudante Livia C. Manteca para o desenvolvimento desta pesquisa ao longo do ano de 2024.

REFERÊNCIAS

KLIASS, Rosa Grená. **Parque urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade**. São Paulo: Pini, 1993.

MAGNANI, José Guilherme C.; SPAGGIARI, Enrico; NOGUEIRA, Mariana H. V. G.; CHIQUETO, Rodrigo V.; TAMBUCCI, Yuri B. **Etnografias Urbanas: quando o campo é a cidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2023

MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.17, n.49, junho 2002.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani Bicudo. **A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Centauro, 2005.

PREFEITURA de SP determina fechamento dos parques municipais por conta do coronavírus. **G1 SP**, 2020. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/20/prefeitura-de-sp-determina-fechamento-dos-parques-municipais-por-conta-do-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 20 de ago de 2024

SAKATA, F.G; GONÇALVES, F.M. 2019. **Um novo conceito para parque urbano no Brasil do século XXI**. <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2019.155785>

SAMPAIO, Lucas. **Ranking da Covid: como o Brasil se compara a outros países em mortes, casos e vacinas aplicadas**. G1, 2021. Disponível em:

<https://g1.globo.com/google/amp/mundo/noticia/2021/04/29/ranking-da-covid-como-o-brasil-se-compara-a-outros-paises-em-mortes-casos-e-vacinas-aplicadas.ghtml>. Acesso em: 31 de ago de 2024

SANTOS, Aline Silva. **Luto e jardim: (re)construindo vínculos no espaço cemiterial**. 2024. Tese (Doutorado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

TENDAIS, Iva.; RIBEIRO, Ana Isabel. Espaços verdes urbanos e saúde mental durante o confinamento causado pela covid-19. **Finisterra**, LV (115), 2020, pp. 183- 188.

ZADRA, Newton. **Vila Prudente: do Burro ao Bonde ao Metro. Um relato histórico sobre o grande bairro paulistano**. Ed. do autor. São Paulo, 2010